



ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PAULO RICARDO PORPINO DA CRUZ

Memória construída e repensada sobre o município de Caiçara

GUARABIRA - PB

2015

PAULO RICARDO PORPINO DA CRUZ

Memória construída e repensada sobre o município de Caiçara

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **Licenciatura Plena em História** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau Bacharel/Licenciado em História.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Naiara Ferraz bandeira

Alves

GUARABIRA - PB
2015

C955m CRUZ , Paulo Ricardo Porpino da

Memória Construída e Repensada Sobre o Município de Caiçara. [manuscrito] / Paulo Ricardo Porpino da Cruz. – 2015. 20p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) –Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

“Orientação : profa. Ms . Naiara Ferraz Bandeira Alves, Departamento de História”.

1.Hisoriografia. 2. Memória. 3. Homem Negro. I . Título. 21. Ed. CDD 900

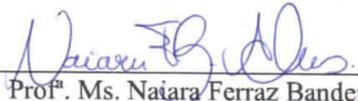
PAULO RICARDO PORPINO DA CRUZ

Memória construída e repensada sobre o município de Caiçara

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Graduação **Licenciatura Plena em
História** Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento a exigência para
obtenção do grau de Bacharel/Licenciado
em História.

Aprovada em: 17/06/2015.

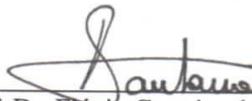
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



Prof. Ms. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)

RESUMO

A marginalização do negro no decorrer da história é visivelmente observada em seus diversos aspectos. Nessa perspectiva buscamos verificar se no município de Caiçara foi erguida alguma Irmandade. Entretanto não encontramos a documentação necessária para comprovação. No entanto a análise do livro da história local do município, nos permitiram detectar a preocupação do autor em desvincular a contribuição do homem de cor na sociedade caiçarense. O presente ensaio tem como objetivo reconstruir essa ideia deturpada que foi criada no transcorrer do tempo no tocante aos negros. A base teórica que sustenta este artigo são os pressupostos teóricos de Reis(1999), Certeau (2002) e outros. Através de vestígios e indícios, que é o trabalho do historiador, buscar nos escombros aquilo que estava escondido este trabalho faz uma releitura na tentativa de evidenciar a importância do negro nas mais diversas áreas da cultura do povo Caiçarense, seja nas crenças, na musicalidade, nos hábitos diários, na religiosidade diversificada existente neste povoado.

PALAVRAS – CHAVE: Negro. Marginalização. Religiosidade.

Memória construída e repensada sobre o município de Caiçara

Paulo Ricardo

“A história é necessariamente escrita e reescrita a partir das posições do presente, lugar da problemática da pesquisa e do sujeito que a realiza” (REIS, 1999, p.9).

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos nossa pesquisa tínhamos a pretensão de estudar diretamente a presença de Irmandades Negras no município de Caiçara¹, como uma forma de resgatar a História dos homens Negros da região, destacando suas formas de resistência ao processo escravocrata. Contudo, após algumas pesquisas nos deparamos com a falta de fontes documentais, ou mesmo orais que abordassem a temática. Não há registro da participação do homem de cor na formação do culto católico da região. Dessa forma, encontramos o problema a ser resolvido, ou pelo menos, levantado, através de nossas investigações. Onde encontrar as personagens negras e suas colaborações na construção da História Local do Município de Caiçara?

Na principal fonte atualizada sobre a História do Município há uma negação veemente sobre a contribuição do homem de cor no cenário religioso local. No livro: **Caiçara Caminhos de Almocreves** (1990), o autor Severino Ismael procura desvincular a participação do negro na construção do espaço religioso daquele povoado. “O índio e o negro quase que não tiveram influencia na formação do espírito religioso do povo caiçarense”. p. 153.

Essa é apenas uma das afirmativas feitas pelo autor, com o intuito de negar a contribuição do homem de cor, neste cenário local. Ao analisamos o livro percebemos que o autor, Severino Ismael, tenta excluir de todas as maneiras a presença de elementos africanos na construção do culto católico da região. Nossa pesquisa discute os elementos textuais da obra escrita sob a perspectiva de historiografia apresentada por Certeau (2002). Desse modo, a historiografia é utilizada para definir os estudos críticos acerca de um tema ou período

¹ Caiçara¹ - é um município brasileiro localizado na microrregião de Guarabira, mesorregião do agreste paraibano do estado da Paraíba. Sua população em 2013 foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 7.304 habitantes, distribuídos em 128 km² de área, distância até a capital 143 km.

referente à história, buscando-se encontrar explicações para os fatos do passado, não constituindo verdades objetivas que traduzem a realidade tal como ocorreu, mas como construções humanas que representam partes de uma realidade.

Nessa linha de abordagem, Certeau (2002), em seu livro, **A Escrita da História**, compreende as características do trabalho do historiador, fazendo referência ao tripé da operação historiográfica: “um lugar social; uma prática; uma escrita” (p.66).

O historiador tem a função de dar voz ao não dito, atribuindo sentido a um determinado acontecimento. Segundo Certeau (2002), a pesquisa em história se faz a partir de um lugar socioeconômico, político e cultural. É importante considerar que o lugar que o autor cita está ligado à relação que o historiador mantém com o lugar que se encontra, uma vez que este não é mais um colecionador de fatos, e sim um construtor, recortador, leitor e intérprete de processos históricos, buscando possibilidades, hipóteses de abordagem ligadas as suas preocupações específicas, ou seja, trocando ideias e informações com outros saberes e sujeitos.

O historiador tem o tempo como “material de análise” ou como “objeto específico”. Trabalha de acordo com os seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons etc.)... Trabalha sobre um material para transformá-lo em história.(CERTEAU, 2002, p.79)

Certeau (2002) afirma, ainda, que a análise historiográfica é um exercício de problematização, um campo aberto a inúmeras possibilidades e ao intenso diálogo, o que permite essa amplitude de objetos e tipos de fontes a partir de metodologias que a história pode apresentar em diversificados campos do saber. Coloca que a operação historiográfica não está somente relacionada a um lugar, a uma prática, mas também a uma escrita, ou seja, a historiografia é construída por meio do discurso documental. Portanto, todo conhecimento historiográfico é construído, o que nos permite sempre trazer novas discussões a respeito da análise do “passado”.

Sob esta perspectiva de construção a partir do seu lugar social é que podemos refletir sobre os motivos e as intenções de desvincular a prática da religião católica em Caiçara da presença negra e indígena nesta sociedade.

“A religião mesmo praticada por todos, era a católica romana. Nem os cultos negros – o que evidencia a pequena participação do elemento negro na etnia local marcaram presença na comunidade. Os ritos, as festas, as preces, tudo era vinculado ao catolicismo”. (COSTA, 1990, p. 153).

Esta negação, além de refletir perspectiva de discriminação racial, destaca a necessidade da Igreja Católica de apagar da memória histórica, não apenas a presença do homem de cor, mas muito, além disso, a possibilidade do espaço de culto católico, ou seja a Igreja, pertencer, ou ter pertencido nominalmente a uma irmandade. Isto significa que o prédio, em si, e suas propriedades economicamente não eram da Igreja, mas de leigos que a construíram e doaram tudo o que estava ao seu redor e no seu interior. Há uma real atividade da Igreja de tentar apagar, desconstruir camuflar as atividades das irmandades, em especial, das que eram compostas por homens de cor.

MUITO ALÉM DA ESCRITA E DA MEMÓRIA: UMA CONSTRUÇÃO

O autor, Severino Ismael da Costa, publicou seu texto: Caiçara caminhos de almocreves, na década de 90 do século XX, um período de movimentação política vinculada aos processos de municipalização, que vinham ocorrendo no Estado da Paraíba desde os anos 70 do mesmo século. Aliado a ação política de transformar em município, as vilas, lugarejos e áreas rurais do Estado, era necessária a construção história e descrição dos principais eventos destas regiões. Assim, temos uma linha de escrita historiográfica estritamente vinculada a este processo. Constrói-se um município, conseqüentemente se constrói uma história.

O importante é identificar nestes textos, em grande parte, encomendados, ou, ao menos financiados pelas elites locais, o tipo de história escrita, e pensada, assim, como são escolhidos os personagens deste percurso. A obra que analisamos não foge a estas características, já que recebeu apoio dos políticos locais na época que foi publicada. Nas primeiras páginas encontramos homenagens e agradecimentos às pessoas e personagens ilustres da cidade, entre eles, filhos da elite local, que se formaram e exercem profissões liberais respeitadas pela sociedade da época e dos dias atuais.

“ HOMENAGEM À CULTURA

Paraibana, na presença de um grande vulto

Prof. JOSÉ OCTÁVIO DE ARRUDA MELO

Caiçarense representada por seus filhos

D. Epaminondas José de Araújo, emérito bispo da Igreja Católica, de quem não me faltou estímulo de conterrâneo.

Prof. José Jackson Carneiro de Carvalho, de quem recebi incentivo e até desafio.

Dr. Walderedo Ismael de Oliveira, médico de renome internacional, escritor especializado, modesto e grande como sua terra.” (COSTA, 1990, p.13)

O autor inicia seu texto se referindo as “grandes” personalidades de sua cidade, tendo o cuidado de anteriormente ter agradecido aos prefeitos da época. Há a presença dos nomes e sobrenomes de destaque da cidade, representantes da Igreja Católica, de médicos, professores e jornalistas.

Em seguida, descreve a história de fundação da cidade e de sua municipalização, desta a participação do índio que junto ao português seriam os grandes responsáveis pela formação desta sociedade, mas afirma que o negro teve pouca atuação. “não há grande presença do elemento negro, a não ser na zona dos engenhos no dorso da serra, onde precisaram do escravo para tocar o trabalho.” (COSTA, 1990, p. 69), apesar de ter sido escrito nos anos 90 do século XX, o texto tem uma preocupação oitocentista de esconder a presença negra, minimizando sua participação nas atividades econômicas. A impossibilidade de simplesmente omitir esta inserção dos homens negros na sociedade de Caiçara, faz com que seu texto e sua fala se tornem contraditórios, no sentido de que afirma não ter existido uma participação negra, mas ao mesmo tempo, destaca o lugar social ocupado por esta etnia.

Muito de sua escrita positivista, é explicado pelas fontes selecionadas pelo autor. Textos tradicionais sobre a História da Paraíba escritos no início do século XX, em especial, os escritos de Horácio de Almeida, se dando, ao trabalho de apenas transferir as ideias destes, sem realizar uma revisão ou crítica historiográfica. Isso fica latente ao reproduzir a expressão Tapuia, como sinônimo de bárbaro. E destacar figuras heroicas entre os indígenas que de alguma forma se aliaram aos conquistadores nos empreendimentos de colonização.

Outro ponto que nos chama a atenção é a necessidade de sempre referenciar as fontes, em geral documentais ou historiográficas e, ao mesmo tempo, questioná-las e até discordar de dados e apontamentos que se distanciam de uma preocupação com o processo histórico, mas se relaciona diretamente com uma narrativa positivista como, por exemplo, ao investigar e averiguar quem teria sido o primeiro morador de Caiçara. Segundo Coriolano de Medeiros e Luiz Pinto teria sido “José de abreu Cordeiro em 1776, contudo verificou ser na realidade Raphael de Carvalho em 1615” (COSTA, 1990, p. 85.)

O povoado surge a partir da construção de casa de morada, capela e currais à margem direita do rio Curimataú, em 1822, por Manoel Soares da Costa. A capela tinha por invocação Nossa Senhora do Rosário. Como a maioria dos municípios da região seu desenvolvimento pode ser vinculado ao estabelecimento da feira. Uma particularidade citada e destacada pelo autor são as disputas políticas entre Caiçara e o Município de Serra da Raiz, que levam os dois lugarejos a encontrar formas de se destacarem um em relação ao outro. Por exemplo, menciona que a criação, em 1870, da Freguesia de N. S. do Bom Fim, cuja sede é a Serra da Raiz (instituição que tornava Caiçara subordinada, nas questões religiosas, em relação à Serra da Raiz); segundo o autor a animosidade, político-administrativa entre os lugarejos se desenvolveu a partir da introdução da feira livre em Caiçara, já que a mesma se tornou uma forte concorrente para os “barracões” instalados nos engenhos da Serra da Raiz, assim, a feira poderia promover uma mudança social que não interessava aos políticos daquela região.

Passa a destacar os políticos de Caiçara, nomeando-os até o século XX, o que se configura como um importante registro para a história local, assim, como toda a obra de Severino Ismael da Costa (1990), contudo, ainda necessitando de uma análise do processo histórico e de suas etapas. O fato que o autor levanta vários pontos desta história que devem ser estudados um dia e provavelmente irão partir, e, se referir a sua obra, que tem como destaque o trabalho de levantamento de dados e fontes, para os próximos historiadores que se dedicarem a História desta região. Nossas observações se referem a ideia de ausência de contribuição do homem negro na constituição sócio-religiosa desta localidade.

Mais uma vez o autor busca formas de desvincular a participação dos negros na história religiosa local. A obra *Caiçara Caminhos de Almoceves* está repleta destas argumentações, acerca do homem de cor.

O objetivo inicial desta pesquisa era de buscar indícios em Livros de Tombo e documentos religiosos a contribuição do negro na religiosidade local. Tendo em vista que não só no município de Caiçara, mas também, em todo o território brasileiro houve uma marginalização da imagem do homem de cor, ou seja, uma tentativa de deixar a margem da sociedade uma figura que se faz tão importante para adentrarmos no imaginário religioso do povo brasileiro.

Contudo, o livro de Tombo analisado não nos forneceu as informações necessárias para afirmarmos que houve uma irmandade negra no município de Caiçara. Mas para buscarmos indícios e vestígios da contribuição do negro nestes locais, faremos uma análise

minuciosa da obra, contrapondo com elementos existentes na própria igreja local, na tentativa de trazer a luz questões que foram estabelecidas pelo autor Severino Ismael como verdades prontas e absolutas. Os possíveis indícios e vestígios são elementos de fundamental importância para este trabalho.

Entre estes vestígios destacamos a imagem de Nossa Senhora do Rosário no altar central da Igreja matriz de Caiçara (apesar da referência direta à fundação da cidade, nos é intrigante a escolha desta padroeira por seus fundadores). Já que este culto à Senhora do Rosário no Brasil ficou diretamente vinculado ao culto católico negro, através das irmandades, podendo, dessa forma, ser considerado um elemento da cultura africana no espaço religioso local. Abaixo foto da Imagem tirada em 06 de Janeiro de 2014. Durante os preparativos para a procissão da Padroeira, que se comemora nesta data no município de Caiçara.



Ilustração 1. Imagem de Nossa Senhora do Rosário no andor;

Foto: Ricardo (2014)

É evidente que os diversos escravos africanos desembarcados no Brasil contribuiriam de forma significativa para a construção territorial e religiosa do país já que participaram diretamente da formação da sociedade brasileira, seja, no trabalho nos engenhos de produção de cana de açúcar, nas lavouras do café, na extração do ouro entre outros. Ao desembarcarem nessas terras trouxeram consigo seus costumes, línguas, valores e crenças. Aqui encontraram as mais diversas dificuldades de praticar sua cultura, ou seja, cultuar suas divindades e costumes.

O DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS OFICIAIS NA CIDADE DE CAIÇARA-PB

A presença do Catolicismo caiçarense está inteiramente ligada ao seu período de fundação, que se deu por volta do ano de 1822 quando Manoel Soares da Costa instalou sua fazenda e ergueu uma capela as margens do Rio Curimataú. “O povoamento da encantadora Villa de Caiçara, segundo informes de pessoas competentes teve logar... no ano de 1822”. Onde ... “Foi edificada uma pequena capella sob a invocação de N.S. do Rosário (...)” ARAÚJO (1913).

Como aconteceu no Brasil e conseqüentemente na Paraíba de uma forma, em geral, o processo de povoamento oficial das regiões afastadas do litoral, assim, como o próprio litoral teve sua conquista e povoamento acompanhado da prática religiosa oficial dos exploradores: o catolicismo. A presença da capela de Nossa Senhora do Rosário no povoamento que futuramente seria denominado como município de caiçara é um fato indiscutível pelos historiadores e narradores, de uma forma geral, do Mito de fundação da cidade, ocorrendo uma discussão historiográfica à respeito do ano desta fundação. Epaminondas Tavares de Araújo afirma ter sido no ano de 1822, Entretanto Coriolano de Medeiros (em seu “**Dicionário Chorográfico**” 1914) aponta o ano de 1841 como o da fundação da Villa de Caiçara.

“Em 1841, o terreno onde hoje é a sede do município, cobria-se ainda cactos e bromélias, quando Manoel Soares da Costa, Francisco da Costa Gonçalves e José Vicente compraram a propriedade, construíram suas vivendas e cercados de ramos – caiçaras – para abrigo do gado. Depois ergueram uma capella dedicada a N.S. do Rosário ...”

Entretanto O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aceita o último como sendo o ano de fundação. Entre a população a informação tida com maior aprovação é ano de 1822. Isto porque a sesmaria que Luís Soares de Mendonça adquiriu não foi no ano de 1822 como relatou Coriolano de Medeiros em seus estudos, e sim no ano de 1788 registrada sob nº 891 por meio de documentos oficiais.

Todavia a divergência acerca do ano de fundação ocorreu pelo fato de que a criação da feira ocorreu no ano de 1841, e o mesmo seria o marco do crescimento e da concentração urbana. O que observamos em comum em ambas as citações é que o Catolicismo fecundava a Villa de Caiçara desde sua fundação. Pois a construção da Capella é vista em todos os registros sobre a origem deste povoado. Os autores oficiais e tradicionais da história de fundação da Villa de Caiçara discorrem, ainda, sobre a origem de sua denominação segundo Coriolano de Medeiros e Epaminondas Tavares o nome Caiçara provém dos currais. Fala Epaminondas: “A denominação de Caiçara provém de um curral de pau-a-pique construído por Manoel Soares nas proximidades de sua casa...” (p.108)

O CATOLICISMO CAIÇARENSE

De acordo com a visão positivista e as fontes oficiais o índio e o negro pouco contribuíram na formação do espírito religioso do povo Caiçarense, segundo Severino Ismael da Costa em seu livro “**Caiçara Caminhos de Almocreves**” (1990). Ainda de acordo com o mesmo o imaginário da população local contribuiu de maneira bastante significativa para o florescimento da religião Católica, que veio a ser praticada na Villa de Caiçara.

Nesta mesma perspectiva, as fontes oficiais da Igreja em pauta tentam nos mostrar que a participação do negro no âmbito religioso teve pouco significado. Os ritos, as festas, as preces tudo era vinculado ao catolicismo. No período da posse da terra, quando o branco erguia sua morada, edificava também junto ou nas proximidades uma capela onde eram celebrados os atos religiosos e realizadas as festas. Destas eram as mais comuns: O Natal,

Ano Bom e Reis. As juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro. A de Santana, no último sábado de julho. Ainda hoje, entre o meio rural caiçarense os meses de junho e julho são mais conhecidos como o de São João e de Santana. Na semana santa, mais precisamente a partir da quarta-feira, acontecia o recolhimento total, ou seja, preces, jejum, pouco trabalho e muito cuidado em não maltratar pessoas e animais. O jejum era tão rigoroso que se bebia apenas um gole de água pela manhã e só a noite algum alimento. Na quarta-feira chamada de trevas, não se permitia varrer a casa nem tomar banho, sob a pena de “entrevar” nas sedes das fazendas rezava-se, todos os sábados, o “Ofício de Nossa Senhora”, era acompanhado por todos os moradores. Nos domingos os fazendeiros todos bem vestidos, mostravam seu prestígio ao ir à missa com os seus familiares e agregados.

MÊS DE MAIO

Durante todo o mês de maio era rezado o terço, nas salas das casas grandes ou nas capelas, estes alternados por cânticos religiosos. Ao término deste evento acontecia a tradicional queima das flores que haviam ornamentado os altares das capelas ou os jarros em volta dos grandes oratórios (também chamados de santuários) de madeira, repleto de imagens de vários santos. Vale ressaltar que geralmente era obrigação da senhora da casa grande rezar o terço ou suas filhas. Nas fazendas, como nas vilas e povoados, eram assim. Todas as noites era necessário a prática de um ato religioso, quase sempre um terço ou um rosário de orações. O Catecismo era ensinado para as crianças, nas vilas, povoados e nas fazendas.

A CONSTRUÇÃO DA CAPELA

A Capela foi erguida nas proximidades da residência de Manoel Soares da Costa, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, construída de taipa, ou seja, as paredes eram feitas de barro, calçados entre paus e cruzados por ripa e telhas.

No **livro Caiçara Caminhos de Almocreves**, Severino Ismael da Costa descreve a área destinada a capela:

“Construída por trinta braças de terras para cada lado, para fazer faces às despesas necessárias, confirma aquela intenção: as casas construídas, ou o que quer que se realizasse naquele perímetro pagaria renda ou foro cabível à igreja”. (Pág. 155)

A citação acima nos faz entendermos que o fato da capela ter sido construída um pouco afastada da casa grande, revela a intenção que o fazendeiro tinha, que no caso seria desenvolver outras construções ao seu redor.

Alguns anos se passaram e o templo foi ampliado por Francisco Costa Gonçalves. Entre 1869 a 1872, pelo padre Herculano foi reconstruído, aumentando sua área e levantadas paredes de pedras. A capela ficou majestosa. Cerca de 15 metros de largura por uns 25 de comprimento. Paredes sólidas de pedras deram lugar a taipa, com mais de metro de espessura e oito a dez metros de altura. Três portas na frente e uma torre no lado direito (nascente). A frente para o norte, no início do aclive da colina.

No início do século XX o templo passou por nova reforma desta vez patrocinada por Ascendina da Costa Frazão, que morava nas proximidades. A nova reforma consistiu numa das maiores ampliações já recebidas. Foram-lhe acrescentados os corredores laterais, em todo o seu comprimento, o coro, acrescentando uma torre do lado direito. Nesta instalaram dois sinos, cujo bronze emitia lindos sons, avisando os fiéis sobre a realização de atos religiosos, inclusive anunciando os falecimentos que ocorriam. O tradicional dobre de finados para os adultos; o “repique”, ou seja, uma serie de batidas sucessivas, muito próximas indicavam que havia falecido uma criança, os chamados “anjos”, e batidas mistas (dobre de finados e repique) noticiavam o falecimento de jovens púberes. Essa reforma quase duplicou a área do templo.

Por ocasião desta reforma foram erguidos dois altares, no fim da nave central e antes da capela-mor, à direita e à esquerda da arcada que a esta dava acesso. Do lado esquerdo do altar de São Sebastião (a imagem original foi posteriormente substituída por outra maior doada por um fazendeiro local). No lado oposto a este altar se encontrava o altar de Nossa Senhora da Dores, cuja a imagem foi doada pelas senhoras das irmandade das Dores.

O altar-mor bastante decorado em alto relevo, com belas colunatas separando os três nichos, tem no alto o nicho onde fica a imagem do Sagrado Coração de Jesus, preciosa obra de arte doada pelo Coronel Antônio Soares de Oliveira. No centro o de Nossa Senhora do Rosário.

Nos anos de 1950 novas reformas foram introduzidas no templo, demoliam-se os altares de N.S. das Dores e São Sebastião, cujas imagens foram transferidas para os altares construídos nas alas, direita e a esquerda da capela-mor, onde já existia o da direita dedicado a Santa Terezinha. Outras reformas ainda foram realizadas, como o revestimento do piso da igreja com mosaicos. Neste caso especificamente as obras foram feitas com recursos próprios, provenientes da festa de N.S do Rosário. Vale lembrar que a partir desta última empreitada a igreja ganhou mais uma torre na fachada.

A CHEGADA DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

As reformas que aconteceram entre os anos 1869 a 1872, tinham o objetivo de receber a nova imagem da padroeira, encomendada em Portugal por Joaquim José fazendeiro desta região. A mesma que ainda permanece hoje no nicho central do altar-mor. A Santa chegou as terras da Paraíba no porto de Salema, município de Mamanguape. Mais de 40 quilômetros separavam ela de Caiçara. O transporte teria que ser efetuado em carro de boi, pois não existia outro meio transporte nessa localidade. Porém, a dedicação do povo, foi tão grande que os fiéis saíram de Caiçara a pé e em procissão para receber a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

A chegada em Caiçara deu-se no dia 6 de Janeiro, dia festivo da Igreja Católica em comemoração à Santos Reis. E como chegada da Santa tornou-se duplamente festivo para o povo caiçarense. Com consequência deste fato, nos dias atuais a festa para homenagear a padroeira termina exatamente no dia 6 de Janeiro. Tanto que a população passou a denominar “Festa de Nossa Senhora do Rosário”. E de acordo com as pesquisas efetuadas não conheço outro lugar onde a festividade ocorra no mês de Janeiro. Pois no calendário da Igreja Católica, a mesma realiza-se no início do mês de Outubro.

Com a chegada da imagem da santa a vila de Caiçara, o Padre Ibiapina sugeriu que o nome da mesma passasse a se chamar Marianópolis, em homenagem a Nossa senhora do Rosário, porém não foi muito aceito pela sociedade da época.

A influência da padroeira também pode ser percebida nos dias atuais. Pois além de casas comerciais, um hospital e maternidade recebeu seu nome, assim como o primeiro bairro

da cidade, onde foi edificado um monumento em sua homenagem. Sem esquecer que a letra do hino à Caiçara demonstra a fé depositada a santa.

“Marianópolis é o nome que a fé, nos brindou para nossa alegria e que todos de joelho ou de pé, rendem Graças à Virgem Maria”.

(Pág 36)

A FESTA

É um grandiosíssimo evento, profano-religioso. Nos dias que antecedem o 6 de Janeiro realiza-se o novenário. Só rezado. Na noite do dia 5 é realizada a festa profana, com barracas e pavilhões, fogos de artifícios, venda de produtos típicos da culinária local.

Na festividade dedicada a Nossa Senhora do Rosário, identificamos a figura importantíssima que tinha os fazendeiros, pois os mesmo com o intuito de mostrar seu poder bancava as noites de festas. A princípio eram nove noites, em cada uma delas um fazendeiro diferente fica com a responsabilidade de organizar este evento.

Atualmente a festa é precedida por um novenário, onde cada comunidade Católica local é responsável por uma noite de novena. Sendo que nos últimos três dias deste evento acontece festas profanas em frente a Igreja Matriz, com leilões de gados, galinhas, entre outros.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou investigar se existiu uma irmandade de negros no município de Caiçara. Entretanto as fontes documentais analisadas não nos permitiram fazermos essa afirmativa. Porém a partir desse momento direcionamos a pesquisa na análise do livro da história local do município de Caiçara, na perspectiva de se debruçar sobre indícios e vestígios que nos permitam fazermos uma releitura da obra na tentativa de elucidarmos os questionamentos pertinentes a nossa pesquisa.

Durante a análise do Livro *Caiçara Caminhos de Almocreves*, percebemos que o autor procura maneiras de desvincular a participação do negro no cenário local. Na tentativa de proclamar o branco, ou seja, o colonizador como sendo o único agente na construção do espaço religioso deste povoado. Na obra de Severino Ismael fica evidente a preocupação do mesmo em colocar o homem de cor a margem da sociedade local.

Entretanto, este ensaio procura incessantemente por vestígios que nos possibilitem enxergarmos a presença de elementos africanos na construção do povoado de Caiçara, na tentativa de reescrever uma história que nos mostrem que os negros foram responsáveis tanto na construção deste município, quanto pelo espaço religioso local.

O primeiro passo do trabalho foi buscar indícios da participação do negro no povoado de Caiçara. O culto a Nossa Senhora do Rosário e a São Sebastião pode ser observados como vestígios da presença do homem de cor na construção cenário religioso de Caiçara. A doação da imagem de Nossa Senhora das Dores, feita por uma Irmandade das Dores de Itabira-MG, para a igreja de Caiçara, que se encontra num altar lateral da igreja, pode ser analisados como elementos que caracterizam uma irmandade, ou ao menos a figura do negro nestes espaços.

O presente artigo nos faz enxergarmos como o autor visualiza a construção da Vila de Caiçara partindo do seu lugar socioeconômico, político e cultural. Isso tornasse evidente na sua obra.

Contudo, a análise historiográfica do livro *Caiçara Caminhos de Almocreves*, nos obriga a produzimos outros trabalhos que possa contrapor essa visão positivista de fatos e acontecimento que privilegia o branco, como sendo o civilizado e o construtor da história e

marginalizando a imagem do homem de cor, como sendo bichos que estavam alheios a qualquer coisa.

ABSTRACT

The marginalization of the black throughout history is clearly observed in its various aspects. From this perspective we seek to verify that the Caiçara municipality was erected some Brotherhood. However we did not find the necessary documentation to prove. However the analysis of the book of local history of the county, have allowed us to detect the author's concern to untie colored man's contribution in caiçarenses society. This essay aims to reconstruct this distorted idea that was created in the course of time with regard to blacks. The theoretical basis that sustains this article are the theoretical assumptions of Kings (1999), Certeau (2002) and others. Through traces and evidence, which is the historian's work, search the rubble what was hidden this work reexamines in an attempt to evinced importance of black in several areas of the Caiçarenses people's culture, whether in beliefs, in musicality in daily habits, the existing diverse religiosity in this town.

KEY - WORDS: Black. Marginalization. Religiosity.

REFERÊNCIAS

ALVES, Naiara Ferraz Bandeira. *Irmãos de cor e de fé: irmandades negras na Parahyba do século XIX*. Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: PPGH/UFPB, 2006.

ARAÚJO, Epaminondas Tavares de. **Almanach da Paraíba V**. PB, 1913.

BASTIDE, Roger. **As Religiões africanas no Brasil**. Contribuição a uma Sociologia das Interpretações de Civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática. Col.Ensaio 116. 1986.

COSTA, Severino Ismael da. **Caiçara... Caminhos de Almocreves**. João Pessoa: Ed. Micrográfica, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro 1550-1800*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNIOR, José Pereira de Souza. **Tradição, Devoção e Fé: os rituais festivos nas irmandades religiosas na Parahyba do Norte – sec. XIX** /IN: José Pereira de Souza Junior. Ed. Universitária – UFPB, 2006.

MEDEIROS, Coriolano de. (**Dicionário Chorográfico da Paraíba 1914**)

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)**. São Paulo: Annablume, 2002.

RUSSELL- Wood, A.J. R. **Escravos e Libertos no Brasil Colonial**. Tradução: Maria Beatriz Medina – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Epaminondas Tavares de Araújo (V. “Almanach da Paraíba 1913”)

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250360&search=||info%EF5es-completas> acessado em 09/03/2015 às 22:00hs.